

BORÓROS

Diário de Curitiba  
25/09/93



Índia boróro toma cachaça na praça.

# Bebida está destruindo índios em Rondonópolis

A Reserva Tadarimana, próxima a Rondonópolis, é habitada por 145 boróros que vivem em suas cinco aldeias, entre os rios Tadarimana, Vermelho e Jurigue. A proximidade com a cidade causou um grande choque cultural aos índios, que estão sendo lenta e gradativamente destruídos pelo álcool. Sem dinheiro para comprar cachaça, os boróros estão arrendando terras de sua reserva de 9.785 hectares, a míseros lavradores que foram expulsos do campo. O administrador da Funai em Rondonópolis, Orlando Graça Leite, nega a existência dos arrendatários, mas reconhece a gravidade da embriaguês. O cacique Eduardo Kogue também descarta a presença de brancos, mas a questão é salvar as crianças da aldeia. (Pág. 10)



Casal boróro vende artesanato...



... para comprar cachaça

# Boróros arrendam terras para lavradores

621 2985

# Intelectuais estão atrás dos índios

*Exposições e conversas com caciques fazem parte da estratégia da comunidade acadêmica*

Fonte: JOP  
Data: 03/06/92

**ANTONIO GONÇALVES FILHO**  
Da Reportagem Local

**ÍNDIOS NO BRASIL: ALTERIDADE, DIVERSIDADE E DIÁLOGO CULTURAL** - Exposição integrada com gravuras, pinturas e objetos. Oficinas de pintura facial, trançado indígena, danças e línguas. Debates, conversas com chefes de tribos e outros eventos. De 14 de junho a 27 de julho, das 10h às 22h, no andar térreo do Pavilhão da Bienal, parque do Ibirapuera, zona sul de São Paulo). Promoção: Secretaria Municipal de Cultura. Entrada franca.

Os índios xavantes já estão sonhando com o Dapotoya, entidade mítica identificada com o deus dos brancos, mas não há qualquer notícia de que



os brancos estejam sonhando com os deuses dos índios. Cinco séculos após o descobrimento, o "encontro" entre as duas civilizações ainda não se deu. Os índios foram simplesmente conquistados. Mas o quadro pode mudar. Intelectuais brasileiros acreditam que esse encontro é possível e a Secretaria Municipal de Cultura (SMC) em São Paulo até organizou um megavento para lembrar aos participantes da Eco-92 que os índios são protagonistas, e não coadjuvantes, da história.

Uma das histórias exemplares da exposição "Índios no Brasil" mostra como o homem branco tem uma visão distorcida do indígena, própria do colonizador. O editor norte-americano George Macy recusou, nos anos 40, as ilustrações de um livro de Hans Staden feitas por Portinari, porque ficou chocado com o ritual antropofágico dos índios e com a integração de Staden no cotidiano da aldeia (*leia texto abaixo sobre o estudo da professora Annateresa Fabris*). Outra história: museus europeus guardam até hoje os oito mantos de plumas restantes dos extintos índios Tupinambá e se recusam a emprestar um só ao Brasil, de onde foram levados.

É um dos resultados da conquista, embora os Tupinambá fossem canibais de voraz apetite. Quando os primeiros europeus chegaram, seis milhões de índios habitavam Pindorama. Hoje estão reduzidos a 250 mil, divididos entre duas centenas de diferentes sociedades indígenas que preservam 170 línguas e dialetos, segundo o antropólogo Luis Donisete Benzi Grupioni, 28, um dos curadores da

exposição patrocinada pela SMC.

"A exposição está dividida em quatro segmentos. O primeiro discute a alteridade, o olhar do branco sobre o índio. O segundo fala da diversidade de seus costumes. No terceiro há uma tentativa de diálogo. Mostramos como os índios fazem parte de nosso presente e de nosso futuro, revelando fotos inéditas do último grupo de índios que se mantém isolado no Pará. O quarto segmento tem um ciclo de cinema e performances de grupos indígenas", diz o curador.

"Nas culturas indígenas das Américas, há entre os mitos um que diz que os índios têm uma metade solar que um dia viria ao encontro deles. Há, então, uma cultura da dualidade, não da duplicidade. Já a cultura européia é uma cultura da identidade, a cultura do 'mesmo'. Os índios receberam seu lado solar, o branco, de braços abertos. Do lado europeu, foi a descoberta da perda da identidade. O 'encontro' só será encontro, portanto, se ele operar com o direito à diferença", afirma a filósofa e secretária de Cultura do município, Marilena de Souza Chaui, 50.

O poeta e tradutor Haroldo de Campos, 62, acha que o grande encontro com as culturas indígenas ainda pode acontecer. Desta vez, sem genocídio cultural. "Cada uma das línguas tem seus ritos e sua poesia. Eu, que nunca estudei uma língua indígena, sei que elas funcionam de uma maneira mais profunda", diz, observando que seu uso cotidiano acaba estabelecendo uma ética. "A tradição oral também não retira delas sua sofisticada construção", diz. Campos lembra que os xavantes têm seu Wamaritede'wa, o sonhador "oficial" da tribo, encarregado de revelar os "sinais" transmitidos em sonhos aos índios pelas entidades sagradas.

Para Haroldo de Campos, as lendas e contos indígenas podem ampliar o universo literário desde que suas traduções sejam criteriosas. Ele acha que os exemplos históricos de "desastre antropológico" não têm permitido o verdadeiro encontro entre culturas. "É preciso respeitar a singularidade do outro, e não destruir seus sistemas religiosos. Eles estão salvos dentro da cultura deles. Temos de reverenciar o que de belo está embutido nessas culturas ainda não divididas em hierarquias".

Os guerreiros da nação Boróro viviam livres em seu território na região Sul de Mato Grosso, às margens dos rios Tadarimana, Jurigue, Poguba (o rio Vermelho dos homens brancos) e São Lourenço. Com o processo de colonização da área, seus espaços foram encolhendo até que ficaram em reservas como Tereza Cristina, Perigara, Tadarimana e Jarudore, sendo que essa última foi totalmente invadida e transformada em distrito de Poxoréu.

Os boróros ficaram ilhados em seus territórios delimitados pelo governo. Alguns tiveram a sorte, se é que esse confinamento pode se dar tal denominação, de ficarem longe das cidades da região. No entanto, 145 integrantes dessa nação, remanescentes de um contingente muito maior, estão espalhados por cinco aldeias na Reserva Tadarimana, de 9.785 hectares, localizada entre os rios Tadarimana, Jurigue e Vermelho (Poguba, para eles). A reserva limita-se com a área urbana da cidade de Rondonópolis e por sua localização agravou muito o choque cultural do índio com o branco.

Adultos da Tadarimana estão sendo consumidos pelo álcool, se arrastam pelas praças, muitas das vezes levando consigo crianças. Apesar da proibição de se vender bebida alcoólica ao índio, bares, mercearias e lanchonete o fazem sem rodeios. O chefe da jurisdição da Fundação Nacional do Índio - Funai de Rondonópolis, Orlando Graça Leite, reconhece a gravidade da situação no tocante à bebida. Debita o fato a questão cultural do índio e diz que está desenvolvendo um projeto para tentar impedir que as crianças da reserva se deixem induzir pelo alcoolismo.

A destruição dos valores culturais dos boróros. A agonia de sua religiosidade, que os missionários do cristianismo tentam substituir por seus credos. A diminuição da pesca e da caça pela ação predatória do branco. As doenças sexualmente transmissíveis. E a quebra

da resistência imunológica para enfrentar as doenças tropicais, em função do contato com os povos colonizadores. Tudo isso somado à revolta íntima pela soberania territorial perdida, tem levado o boróro à desilusão, a se entregar ao álcool. Sem dinheiro para se embriagar ele parte para um ato extremo, arrendando terras de sua reserva para lavradores que deixaram o campo e estão vivendo em casebres espalhados por bairros pobres da cidade.

A Funai nega que existem tais arrendamentos. Orlando Graça Leite diz que está sendo desenvolvido um projeto agrícola indígena em Rondonópolis, com acompanhamento de agrônomo do ór-

gão e a supervisão do chefe do posto da Funai. Os boróros também não admitem que estejam arrendando suas terras. O cacique Eduardo Kogue, que fala por seu povo, diz que a denúncia do arrendamento é improcedente. No entanto um arrendatário garantiu ao Diário que está plantando na Tadarimana, onde também estariam vários outros lavradores, com lavouras de arroz, milho, feijão, melancia e mandioca. Segundo ele, os índios não permitem que os arrendatários morem na área. Todos esses camponeses atravessam o rio Vermelho nas imediações do conjunto Jardim Atlântico, trabalham durante o dia e regressam para suas casas ao entardecer.

Orlando Graça teme que essa notícia se espalhe. Diz que há muitos interesses econômicos voltados para a Reserva Tadarimana. Preocupa-se com uma invasão desenfreada. A preocupação de Orlando procede, porque em Rondonópolis vivem cerca de 10 mil famílias abrigadas em sub-habitacões, desempregadas, sub-empregadas ou trabalhando na atividade informal. Esse contingente humano tem origem no campo, de onde saiu expulso por problemas fundiários, pela expansão da soja que utiliza pouca mão-de-obra, ou pelo aumento da pecuária.

Pelo que se apurou não há pessoas ricas plantando nas terras dos boróros de Tadarimana. São todos paupérrimos, pessoas humildes, de mãos calejadas, sem a mínima noção do que seja uma reserva indígena da Funai. Ambos, índios e trabalhadores sem terra, são filhos da grande crise política, social e econômica que se abateu sobre o Brasil. Nenhuma instituição voltada para a defesa dos povos indígenas precisa levantar bandeira contra os míseros lavradores arrendatários dos boróros. Eles são tão vítimas quanto os índios.

### TADARIMANA E RONDONÓPOLIS

A localização da reserva a inviabiliza por vários fatores. Sua proximidade com a cidade é um atrativo permanente para o índios atravessar o rio em busca de caça. E para habitantes de

Rondonópolis cruzar o rio em direção oposta, em busca de caça e de madeiras. O grau de dependência alcoólica dos boróros adultos é assustador. Há um irreversível processo de extinção da aldeia central no Tadarimana, das três aldeias do Jurigue e da aldeia do rio Vermelho, que compõem a reserva.

A Funai não pode querer ir além da realidade. Tem que entender que a Tadarimana foi mal administrada até hoje, o que levou o índio ao alcoolismo. Há um quadro irreversível no tocante aquela reserva. Os seus poucos habitantes adultos vivem alheios à realidade, entregues ao vício da bebida, perambulando pelas ruas da cidade, ora vendendo pequenos artesanatos, ora suplicando a caridade dos rondonopolitanos. Os meninos das cinco aldeias ainda estão em processo de formação. Se permanecerem ali, lamentavelmente seguirão os mesmos caminhos de seus antecedentes.

A Tadarimana é inviável pelo estado emocional dos boróros adultos. Pela má formação de parte da população rondonopolitana, que não respeita os hábitos culturais de seus vizinhos. Se aquela área for transformada em reserva ecológica, num parque florestal, ou outra destinação preservacionista, não haverá comprometimento da qualidade ambiental na região. Manter o índio ali, nas condições em que se encontra, e caminhando cada vez mais para sua auto-destruição, é um genocídio.

Há na região outras reservas boróro, como Tereza Cristina, com 24 mil hectares e pleiteando outros 18 mil na justiça, nos municípios de Barão de Melgaço e Santo Antonio de Leverger. E Perigara, com 10 mil hectares, às margens do rio São Lourenço, no alto Pantanal, em Barão de Melgaço. Nesses locais os boróros de Tadarimana podem viver com os povos de sua nação que ali habitam.

Não se pede a incorporação de Tadarimana às terras dos colonizadores. Basta desativá-la e manter vigilância para sua preservação ambiental. É preciso evitar que as crianças de suas aldeias morram vitimadas pelo álcool como o velho e saudoso índio Malagueta.

Que perambularem no futuro, bêbados como seus pais, pelas praças de Rondonópolis.

Não há condições materiais para a Funai internar em institutos de neuropsiquiatria os índios alcoolatras de Tadarimana. Há um quadro aterrador acontecendo diante da indiferença governamental

e social, pela burocracia em solucionar problemas no Brasil.

Tadarimana é uma aldeia reversível. Rondonópolis, como cidade, já não o é. Temos que nos curvar diante da realidade. Mais vale salvar as crianças boróros daquela reserva, por questão humanitária, do que tentar mantê-las ali, em nome de uma política indigenista imprópria. Se no futuro o procedimento social for mudado, Tadarimana estará no mesmo lugar à espera de seus legítimos donos. Mas o mais importante no momento é salvar suas crianças.

### MENINO BORÓRO

Rosto miúdo, dentes estragados, olhar triste e profundo, caminhar lento e semblante tristonho. Assim é o menino boróro, que vem a Rondonópolis nos finais de semana, com seus parentes, vender artesanatos simples na feira-livre de Vila Aurora, na rodoviária, nas ruas e avenidas. Muitas das vezes ele acaba dormindo nos bancos da praça dos Carreiros, ao lado do pai e da mãe, ambos embriagados. A indiferença do homem da cidade para com seu povo, a embriaguês constante de sua gente, o semi-aculturamento contínuo a que é submetido, com certeza, acabarão fazendo do menino boróro um alcoólatra na adolescência.

Esse menino precisa ter futuro. Viver livre, sem ter que se preocupar se cometeu pecado mortal, ou se nasceu com pecado venial. Se manter longe da concordância verbal e dos logaritimos. Sem usar camiseta das minorias vítimas do capitalismo. Não ter certidão de nascimento, nem CPF, muito menos cartão magnético de banco eletrônico. Esse menino não precisa de Biotônico para ser forte, nem de dentista para ter dentes sadios. Sua catapora cumpre seu ciclo e vai embora com as águas. Sua febre é combatida com chás e raizadas. Ele não pode ter herpes genital, sífilis, nem Aids. Isso é doença de civilizado. Longe dele a civilização.

Nem mesmo Rondon, sertanista e protetor dos índios, poderia imaginar que seu posto telegráfico naquele êrmo à margem do rio Vermelho, na foz do Arareau, um dia expandiria e se tornaria uma grande cidade, com vocação para crescer mais e mais, a ponto de sítar uma reserva de seu povo boróro.

A existência dos arrendamentos de terra é um fato que pode ser comprovado. Mas não é a questão central do problema. A Funai deve negociar com os lavradores, permitindo-lhes colher o que plantaram e suspender suas atividades na área. Mas deve muito mais ainda, levar em consideração a remoção do povo de Tadarimana, para a salvação de suas crianças. Mantê-las ali é o mesmo que cevá-las para o álcool devorá-las no amanhã.

CIMI - MIA

Fonte: \_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_\_\_

### CPI DO ÍNDIO

O deputado federal Wellington Fagundes (PL), sensibilizado com a situação dos índios boróros, da Reserva Tadarimana, em Rondonópolis, prometeu pedir a abertura de uma CPI na Câmara para apurar o caso. Segundo o DIÁRIO divulgou, os índios estão arrendando suas terras para garantir a compra de bebida alcoólica.